

Educação Histórica e EJA

Luiz Carlos de Araújo

Licenciando em História UFRN

Niara Pereira dos Santos

Licenciada e Bacharelada em História pela UFRN

Especialista em Educação pela UNP

RESUMO: Uma das funções do profissional em história é atuar no ensino básico, entretanto, a universidade não está capacitando, adequadamente, os seus graduandos para tal nível de ensino. Os graduados em história não conseguem repassar para o ensino básico a premissa da história na atualidade, ou seja, a problematização histórica, com isso eles apenas reproduzem o que está no livro didático, ou, o que estudaram no ensino básico. Este tipo de ensinar a história torna-se mais problemática ainda em outro grupo do ensino básico que conhecemos como EJA (Educação de Jovens e Adultos). Os alunos deste grupo escolar possuem experiências de vidas complexas e individuais, isto faz com que estes alunos criem “verdades”, em relação ao presente e também ao passado. E algumas destas verdades, se chocam com as “verdades” do professor, gerando dúvidas por partes dos professores e dificultando o processo de aprendizagem destes alunos. Porém, alguns pesquisadores, estão trabalhando com outra lógica de ensino da História, o que chamamos de Educação Histórica, tal nível de ensino tem uma perspectiva, totalmente, diferente da atualidade brasileira. Alguns pensadores como, por exemplo, Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e, principalmente, Jörn Rüsen, produzem trabalhos com intenção de modificar tal paradigma. Tais autores acreditam que o ensino da história deve produzir cidadãos reflexivos, com condições de entender o passado e o presente. Neste trabalho analisaremos como alguns autores tratam esta questão e como poderemos aplicar tais conceitos na Educação de Jovens e Adultos, na tentativa de melhorar o ambiente em sala de aula e tentar construir com o aluno sua capacidade reflexiva e a consciência histórica.

Palavras-Chaves: Educação Histórica, Ensino de História e EJA.

Introdução

Durante bastante tempo convivemos com algumas ideias que atrapalharam e que serviram de base para um preconceito que ainda hoje está vigente na relação professor (do ensino básico) e pesquisador. Máximas como “quem sabe faz, quem não sabe ensina”, serviram de base para criar uma cultura, na qual o professor é a pessoa responsável por transmitir, repassar, “transpor” as pesquisas da academia para o nível básico. Assim sendo, vários professores ficam reféns do livro didático ou de teorias simplificadas, já que ele, o professor, tem que “transpor” as matérias para os alunos e não se importam com as principais premissas de suas ciências, principalmente, no que tange as pesquisas. Percebemos isto também no ensino de História da

educação básica e em alguns casos, em menor quantidade, no ensino superior.

Vários professores não trabalham com a ideia da problemática histórica, por causa disso dão seguimento a uma linha de pensamento na qual ele é responsável por “contar a história do mundo”, e seus alunos devem “memorizar” as aulas, geralmente, das grandes personalidades ou da história política, e em um determinado momento (na prova) reproduzi-lo tal qual como “aprendeu”. Com isso os alunos saem da educação básica sem a capacidade de refletir sobre o seu meio social e sem entender o seu passado. Dando continuidade ao pensamento errôneo sobre a história, ao ponto de um aluno de matemática me indagar “para que estudar a história se nós lemos tudo no ensino médio?”.

Acredito que este pensamento é fruto de uma concepção “positivista” (AZEVEDO, 2010), que vê a história como uma ciência pronta e acabada desde que tenha sido produzida na academia. Entretanto esta forma de entender a história vem sendo questionada e colocada em xeque pelos historiadores desde a escola dos annales, conforme nos diz Kátia Maria Abud:

[...] a concepção de que é possível que a *verdade* absoluta e atemporal surja dos estudos de história sofreu um forte abalo. O restabelecimento da verdade dos fatos à sua realidade original, o fetichismo dos acontecimentos passou a ser combatido pelos críticos da História “historicizante”, que propunham a História-problema como substituta da História dos reis, tratados e batalhas. (ABUD, 2003, p.185).

Infelizmente, ainda boa parte da população entende a história como algo que não faz parte de sua vivência, as pessoas acham que o estudo da história serve apenas para contar a história dos grandes homens, relacionados geralmente aos políticos ou as grandes

personalidades, com isso os cidadãos “comuns” ficam de fora do processo histórico.

Os professores de história, que utilizam esta concepção, chamada de tradicional, são os principais responsáveis pela manutenção e difusão desta forma de entender a história. As mídias auxiliam a proliferação de tal corrente, principalmente, a internet, onde cada vez mais existem informações que não possuem credibilidade nem o rigor da pesquisa histórica, mas que são tidas como “verdades absolutas”.

É de responsabilidade do profissional de História, quebrar estes laços viciosos que impede a população de possuir o verdadeiro conhecimento histórico, de pensar historicamente e de refletir sobre o seu passado. Mas será que o historiador está preparado pedagogicamente e, principalmente, historicamente falando? Afinal qual a diferença entre a didática da história, tão presente na obra de Jörn Rüsen, e a didática pedagógica, tanto difundida entre os educadores? Será que o profissional de história precisa dos conhecimentos produzidos na educação, ou o conhecimento da História é o suficiente para educar historicamente os alunos? Tais perguntas merecem uma atenção maior e não são objetivos deste trabalho. No presente artigo, buscaremos entender o que é a didática da História e como podemos trabalhá-la na educação de jovens e adultos.

Iniciaremos o texto falando sobre alguns conceitos que aparecem na obra de Jörn Rüsen, tais como educação histórica, didática da história, pensamento histórico, conhecimento histórico. Em seguida pensaremos como esta didática é pensada e trabalhada por outros pensadores. Por fim faremos uma análise, procurando entender como podemos aplicar tal pensamento na educação de Jovens e Adultos, na

tentativa de formar cidadão críticos e reflexivos. E como tal pensamento pode auxiliar o historiador a desenvolver suas habilidades, enquanto profissional de história.

Conceituação histórica

Por várias vezes falamos em termos como a educação histórica, didática histórica, conhecimento histórico, entre outros, mas não paramos para analisar o que significa cada conceito destes. Isto algumas vezes influencia em nossa escrita, visto que, algumas vezes o autor trabalha com uma visão própria ou com a de outros autores, que não são compatíveis com o entendimento que temos sobre tais assuntos. Assim sendo, procuramos os principais termos que utilizaremos neste trabalho e falaremos como alguns autores entendem tais questões e como usaremos tais conceitos neste trabalho.

Consideramos Educação Histórica como uma nova possibilidade de utilização do conhecimento histórico, tal conhecimento deve ser utilizado visando criar no aluno um pensamento crítico e reflexivo. Para RÜSEN, “Educação histórica [é] como um processo intencional e organizado de formação de identidade que rememora o passado para poder entender o presente e antecipar o futuro [...]” (Rüsen, 2006, p. 15), ou seja, quando damos aos alunos a possibilidade dele refletir sobre si mesmo e sobre o meio no qual eles vivem no presente e entendendo o passado, se preparando para um futuro, estaremos buscando desenvolver um cidadão historicamente consciente.

Poderíamos considerar como didática da história, o conjunto de procedimentos utilizados pelos professores de história para “traduzir” o conhecimento histórico para os alunos, porém, não é tão simples assim.

Para Rüsen (2006), a didática da história foi relegada a um segundo plano, na qual, perdeu sua importância e tornou-se “uma ferramenta que transporta conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos” (Rüsen, 2006, p. 08). Tal assertiva, para o próprio Rüsen, é errônea, visto que, não podemos simplesmente repassar as informações produzidas na academia.

Na atualidade não percebemos a história como uma ciência pronta e acabada, ou seja, o conteúdo não está totalmente definido, com isso não podemos apenas “repetir” o conhecimento acadêmico, visto que, ele não é estático, quer dizer, ele se modifica de acordo com o momento no qual vivemos.

Outro ponto é que os alunos carregam consigo uma série de conhecimentos prévios que influenciam diretamente na construção do seu próprio conhecimento, tais alunos devem desenvolver, também, algumas aptidões para melhor entender a sociedade, com isso a utilização de imagens, de filmes, de textos literatos, por exemplo, auxiliam os alunos a descobrirem novas formas de enxergar o mundo, com essa mudança o aluno pode desenvolver um novo ponto de vista, que pode ir, inclusive, de encontro às ideias do professor, entretanto, podemos dizer que tal ponto de vista foi desenvolvido, pois aluno pensou criticamente e reflexivamente, e como ele tem uma bagagem cultural diferenciada, pensou de uma maneira diferente do seu instrutor.

Para Klaus Bergmann, citado por Rüsen, a didática da história seria “a disciplina que examina a importância da história – todas as espécies de história e todos os seus constitutivos – para o sujeito crítico e reflexivo” (Bergmann *apud* Rüsen, 2006, p. 12), ou seja, faz se necessário o desenvolvimento de uma disciplina

que capacite os historiadores a trabalharem no ensino básico e que seja desenvolvida uma série de conceitos para serem utilizados em sala de aula, que possibilitem aos alunos o desenvolvimento de conhecimento histórico.

Os alunos de graduação, ao menos no caso da UFRN, não estão tendo este preparo, assim sendo, estamos indo na direção dos ensinamentos da pedagogia, que indevidamente, está “ensinando” o que profissional de história deve “ensinar” na educação básica.

Educação Histórica e EJA: novas possibilidades

Diante do exposto acima, podemos considerar educação histórica como a capacidade dos alunos de entenderem o presente, o passado e a capacidade de prever o futuro. Quanto à didática da história para o ensino básico, não temos como conceituar de uma forma mais direta, visto que, ela ainda não foi delimitada de uma forma plausível (Rüsen, 2006, p. 13), portanto, nos deteremos em algumas formas de trabalhar com os conhecimentos históricos de uma forma problematizadora.

Para Schmidt e Garcia (2005), antes de iniciarmos nossas aulas de história temos que perguntar “o que significa história para professores e para os alunos” e “para que e porque devemos estudar a história”. Com isso podemos nos preparar para trabalhar de uma forma correta com os alunos. O profissional de história tem que ter que saber, que uma das suas obrigações, enquanto profissionais é dar condições aos seus alunos, e a própria sociedade, de pensar historicamente ou construir seu conhecimento histórico.

Assim sendo, para podermos construir cidadãos com este pensamento, temos que levar em consideração uma série de fatores. O meio social no qual

convivem, as leituras que já fizeram, as pessoas com que se relacionam e a forma como entendem a própria história. No caso da educação de jovens e adultos, tal tarefa é bem mais interessante.

A educação de jovens e adultos tem suas características bem singulares, visto que, neste âmbito vamos trabalhar com sujeitos que nunca tiveram acesso à escola, juntamente com um grupo que, por motivos diversos, não concluíram seu ensino fundamental em um primeiro momento e, finalmente, com um grupo que foi considerado “incapaz”, na educação básica infantil.

Estes alunos quando vem para escola tem em sua “bagagem” uma série de conhecimentos que foram sendo desenvolvido ao longo da vida. O professor deve ser sensível a tais experiências, capaz de captar estas nuances e trabalhar em cima destes pontos, para com isso, adequar o processo de educação histórica.

Percebemos, em nossas estadias no ensino básico, que os alunos apenas “decoram” o que o professor expõe, entretanto este tipo de entender, a História, já está há muito ultrapassado, hoje, entendemos a história como uma ciência que necessita de uma problemática e que trabalha fazendo a relação entre presente e passado, tentando perceber as mudanças e continuidades das diversas sociedades.

A história também aumentou as possibilidades de temas, de abordagens e das fontes se antes tínhamos apenas os documentos oficiais, na atualidade, podemos trabalhar com a literatura, com a música, com as obras de artes, com o cinema, entre outros. Tal mudança influencia, também, o ensino de história, visto que, esta segue as premissas da História ciência.

Diante do exposto, pensamos em novos métodos e em novas linguagens para se trabalhar a

História. Acreditamos que as mídias alternativas são instrumentos importantes nesse processo e contribuem para um ensino de qualidade e para uma melhor aprendizagem dos alunos.

O uso de tais mídias em sala de aula de História facilita o aprendizado histórico, visto que se torna uma fonte palpável para o aluno a partir do momento em que se cria um estímulo ao desenvolvimento interpretativo e crítico do mesmo e diminui a carga de aulas expositivas que, na maioria das vezes, apenas reproduz os conhecimentos construídos na academia.

A utilização de várias fontes pode ser utilizada, pelo professor, tentando mostrar as várias possibilidades de criar o conhecimento histórico e, principalmente, de iniciar os alunos no processo de leitura de diversas fontes historiográficas. Ao fazermos isto, estaremos mostrando que a leitura da história poderá ser feita de diversas maneiras, e não somente pela fonte escrita e pelos documentos ditos “oficiais”.

Para Isabel Barca (2001), um bom método de utilizar as fontes é fazendo o cruzamento de tais documentos, por exemplo, podemos utilizar uma música e um filme, e pedir para que os alunos comparem tais fontes, e escrevam seus comentários com relação a eles. Para tanto o professor de história, deverá realizar um plano de ação, no qual constem os conceitos que utilizará, como ele pretende utilizar tais fontes e quais os principais pontos que devem ser analisados pela turma.

Porém, para conseguir fazermos tal tarefa de uma forma satisfatória, teremos que, nos apropriar cada vez mais dos conceitos utilizados para o estudo de tais fontes, e principalmente, fazer pesquisas com elas, pois assim o historiador estará tendo um melhor

relacionamento com as informações que podem ser extraídas de tal documento.

Outro ponto interessante é verificar como tais fontes são trabalhadas pelos alunos, quer dizer, como os alunos de determinado nível se apropriam de tais informações, para isto o professor deverá produzir um projeto de pesquisa, parecido com o que temos no curso de história na atualidade (Estágio Supervisionado), entretanto, o enfoque deve ser não a questão do ensino-aprendizagem, como ocorre no curso em tal disciplina, e sim aos conceitos e fontes utilizadas pelo profissional de história, em sala de aula.

No caso do historiador, ele deve se preocupar como as fontes estão sendo utilizados por alunos e professores, procurando verificar aonde pode ajustar e adequar para aquele determinado nível de ensino. Barca afirma que tal pensamento pode ajudar na medida que:

O contacto com os resultados recentes da investigação sobre o pensamento histórico de alunos e professores torna-se igualmente imprescindível. Estes resultados poderão fornecer elementos para a elaboração de materiais criteriosos a aplicar num ensino de História com qualidade. (Barca, 2001, p. 21)

Os projetos devem estar buscando respostas não definitivas, e sim respostas que auxiliem a utilização de novas fontes e/ou novas abordagens teóricas. Com tais observações podemos, inclusive, verificar se podemos ir além da nossa programação ou diminuir o ritmo, para que os alunos possam desenvolver com qualidade a capacidade de pensar reflexivamente.

Pensando nestas possibilidades devemos analisar criticamente um grupo antes de definir quais os conteúdos e as metodologias que podemos trabalhar com tal grupo, neste momento devemos utilizar algumas

teorias pedagógicas, visto que, elas são essenciais para entendermos um grupo escolar. Por exemplo, não podemos levar um texto escrito para um grupo que ainda não desenvolveu a habilidade da leitura, entretanto podemos utilizar as imagens e os sons, que se adequam melhor para tal sociedade escolar.

No “Estágio Supervisionado para Formação de Professores de História no Ensino Fundamental”, fiquei com uma turma que estavam sem estudar há bastante tempo. Tal grupo escolar, também tinha uma carência na questão da leitura e não conseguiam refletir sobre as nossas ponderações expositivas.

Neste momento senti verdadeiras dificuldades, afinal de contas, como atingir um grupo que não sabe ler nem “pensar”. Foi quando parti para as pesquisas, busquei imagens que falassem sobre tal época, que estávamos estudando. Encontrei uma série de imagens, selecionei algumas para trabalhar os pontos que estivessem relacionados ao dia-a-dia dos alunos. Questões que tratavam sobre moradia, ferramentas e alimentação foram priorizadas, para auxiliar desenvolvimento do conhecimento histórico.

O projeto visava verificar, apenas, como o uso do cinema poderia auxiliar o professor nas aulas de história, entretanto, tive que ampliar bastante as formas de trabalhar em sala de aula, desde aulas expositivas, passando por textos escritos e finalmente chegando nas imagens, sendo elas estáticas ou em movimento.

Ainda não tinha uma noção de como trabalhar tais conteúdos e fontes, de uma forma que desenvolvesse a questão da educação histórica. Porém, mesmo sem saber, tentei fazer com que os alunos desenvolvessem uma noção de conhecimento histórico, mesmo sem utilizar as teorias e conceitos necessários, procurei fazer

com que os alunos desenvolvessem uma “noção” de conhecimento histórico.

No início das aulas falei como a História é entendida na atualidade, quais são seus principais conceitos e como utilizamos tais informações para construirmos um conhecimento específico sobre a história. Logicamente, tive dificuldades, principalmente, na questão da leitura. Vários alunos não conseguiam entender o texto base da disciplina. Foi neste momento que decidi modificar minha forma de trabalhar com aquela turma.

Naquele momento comecei a trabalhar com outras alternativas. Inicialmente utilizamos textos dos livros didáticos, em seguida utilizamos as imagens. Neste meio tempo pedi que os alunos fizessem comentários sobre as duas fontes. Tive um novo problema, os alunos que não sabiam ler, também não conseguiam desenvolver as respostas. Vários mostravam, oralmente, que estavam entendendo, mas não conseguiam escrever tais respostas, visto que, não entendiam a língua “cultura” portuguesa. Porém insistimos e auxiliamos os alunos na construção das respostas. Com isso, conseguimos desenvolver uma ideia inicial sobre aquele tema, no caso estávamos trabalhando com a pré-história. A turma teve contato com duas fontes, e conseguiu perceber a diferença entre os dois documentos, logicamente, as respostas foram satisfatórias, se levarmos em consideração o contexto daquela turma.

Desta forma os alunos construíram uma informação anterior sobre a pré-história, utilizando as fontes acima citadas. Se levarmos em consideração o pensamento de Abud que diz: “A informação pode ser definida como um pensamento que existe em algum lugar, no tempo e no espaço, e a formação como uma série de

ações que apontam para um resultado.” (ABUD, 2003, 189), ou seja, os alunos já tinham uma informação anterior, que foi construída com as aulas e os trabalhos desenvolvidos anteriormente, a utilização do filme serviu para que tais informações se transformassem em formação, visto que esta:

[...] só pode ocorrer quando a informação recebida se relaciona com um conjunto individual de esquemas e de estruturas mentais, que transforma a informação em conhecimento, em novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo ou simbólico daquele que aprende. (ABUD, 2003, 189).

Assim sendo, as informações recebidas anteriormente, foram remodeladas e deram espaço para um novo conhecimento, o filme tornou-se interessante, pois possui uma linguagem que está mais próxima dos alunos que o discurso histórico acadêmico. As relações entre passado e presente ficaram bem claras nos comentários em sala e nos trabalhos apresentados sobre tal tema.

A apresentação do filme foi importante também, pois deu condições de avaliar a turma de outra forma. Os comentários e as discussões fizeram com que vários alunos mostrassem suas opiniões, acredito que o fato das discussões estarem mais próximos do seu cotidiano, como exemplo, a reportagem sobre o canibalismo em Recife, que foi noticiado nos grandes canais e deram a possibilidade destes alunos se expressarem de uma forma espontânea.

O cinema também desenvolveu a imaginação dos alunos, antes de tal exibição, era comum os alunos perguntarem como se dava determinados atos, como o fato de morar em uma caverna. Porém, expliquei que deveríamos ter cuidado, pois aquelas cenas refletem o

que um determinado grupo pensa sobre a pré-história e não, necessariamente, que aquilo tenha se passado daquela forma.

Notamos também que na avaliação final, vários alunos fizeram menção aos debates provenientes do filme exibido, mostrando que tal recurso influencia bastante no processo de ensino aprendizagem, principalmente, por que tal grupo é muito influenciado pelas imagens e a oralidade, pois eles não conseguem fazer uma leitura crítica do código escrito, então o entendimento fica mais acessível com a utilização das fontes alternativas, como os filmes, por exemplo (ALMEIDA, 2003).

No meu planejamento, o cinema não foi utilizado como uma fonte privilegiada, ao contrário, utilizei na intenção de mostrar mais uma possibilidade de entender a História, ou seja, as relações com as imagens e com o próprio livro didático foram imprescindíveis para formar uma opinião histórica de tais alunos, conforme pensamento de Abud:

A análise da restrita produção fílmica aceita pelos educadores se relaciona única e exclusivamente ao conteúdo. O cinema seria um bom recurso, pois atrairia a atenção dos jovens mais que as aulas e exposições orais realizadas pelo professor em sua sala de aula. Não se trata ainda de encarar a linguagem imagética como um recurso com características próprias, nem de propor métodos de trabalho pedagógico com a exploração das imagens (ABUD, 2003, p.188).

O cinema foi exibido no objetivo de mostrar uma nova perspectiva de entender a história e, mais, de tentar mostrar aos alunos que podemos entender a realidade partindo de várias possibilidades.

Logicamente, este não é ainda o pensamento traçado pelos pensadores da Educação Histórica, visto

que, esta metodologia assumida ainda carece de uma orientação teórica mais elaborada.

Porém a utilização de diversas fontes é defendida por vários historiadores, que pensam a questão da educação histórica. Na atualidade estou concluindo o estágio supervisionado, ou seja, estou em sala de aula. Novamente, estou trabalhando com uma turma de EJA. Em contato com o professor da turma, fui informado que os alunos tinham dificuldades com a leitura. Então, estou me preparando para levar para a sala de aula quadrinhos, charges, músicas e filmes. Na tentativa de mostrar que o conhecimento histórico pode ser desenvolvido partindo de várias fontes e de várias possibilidades.

Conclusão

O presente artigo tentou entender como alguns pensadores pensam esta nova possibilidade de ensinar a História, partindo de uma premissa que a História tem uma função de orientar os alunos, futuros cidadãos, para pensar historicamente, ou seja, estudar o passado para entender o presente e dá possibilidades de “ajustar” seu futuro. Contudo, isto não está acontecendo na atualidade, ou seja, o que ocorre e muito se fala na atualidade é que temos um modelo tradicional que afasta cada vez mais os alunos e a própria sociedade da ciência histórica.

Com isso a disciplina de História na educação básica está perdendo espaço para outras áreas de conhecimentos, como a Filosofia, Sociologia, e até mesmo Cultura (do RN), em nosso estado. Não diminuindo a importância de tais disciplinas, entretanto, a História deve ser responsável por construir um sujeito crítico e reflexivo, e ela não está conseguindo

desempenhar tal função, deixando para a Filosofia, por exemplo, a função de formar este cidadão.

No momento não estou preparado para atender tais ideais, visto que, para responder esta demanda, temos que fazer uma leitura de várias correntes historiográficas e da própria teoria da história, para embasar nosso trabalho em sala de aula. Por exemplo, para entendermos o cinema como, fonte histórica, temos que dominar a história cultural e seus ensinamentos.

Logicamente estamos sendo simplistas para facilitar a leitura de tal trabalho, entretanto, no nosso ponto de vista, para trabalharmos com tal nível de educação histórica teremos que fazer este tremendo, para não dizer prazeroso, esforço que é a leitura e a releitura de vários pensadores da história, de fontes, de teorias da história, para conseguirmos subsídios para melhor exercer nossa atividade profissional.

Referências Bibliográficas.

ABDALA Jr., Roberto. O cinema é uma outra história: considerações sobre o cinema nas aulas de história. **Biblioteca on-line de Ciências da comunicação**. 2005.

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **HISTÓRIA**, v. 22 (1):183-193, São Paulo, 2003.

ABUD, Kátia Maria. Registro e representações do cotidiano: A música popular na aula de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: A nova cultura oral**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção questões da nossa época, v. 32).

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Historiografia, processo ensino-aprendizagem e ensino de história. In: **Revista metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 9, dez./2010. p. 70-89. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 10 de Maio de 2012.

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. In: **Revista da Faculdade de Letras**. Porto: III série, vol. 02, 2001, p.p 13-21. Disponível em: Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf> Acesso em 23 de julho de 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: Passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: **Práxis Educativa**. Ponta Grossa – PR: v.1, n.2, p 07-16. Jul-Dez, 2006. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279 Acesso em 23 de Julho de 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. GARCIA, Tânia Maria F. B. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>